

TRANSFORMAÇÕES SOCIETÁRIAS E SERVIÇO SOCIAL

*Edaléa Maria Ribeiro**

RESUMO

A preocupação central deste ensaio consiste na reflexão da tendência ao abandono, nem sempre claramente explicitado, do pensamento crítico radical nas análises e interpretações acerca das intervenções profissionais sobre a realidade social na qual se move a profissão, e da necessidade urgente da afirmação deste pensamento e do seu fortalecimento no seio da profissão, face ao contexto sócio-econômico-político de um país periférico em relação ao capital mundial como o Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

transformações societárias, pensamento crítico radical, Serviço Social

Introdução

Vemos atualmente no Serviço Social, seja na sua prática profissional, seja na academia, uma concepção nem sempre explicitada, de que o pensamento crítico radical é algo “ultrapassado”, atrasado, sectário... fora de contexto e lugar.

A constituição e efetivação do projeto democrático liberal co-

* Professora Assistente do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina e aluna doutoranda do Programa de Estudos Pós Graduated em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

loca democracia, cidadania e sociabilidade política atreladas às disposições do mercado sem limites e sem fronteiras sociais.

A política é elemento recusado, pela imposição do consenso, da ausência de alternativas e da anulação da diferença. Idéias de razão, de universalidade, consciência, luta de classes, dentre outras, perdem a validade: são consideradas atrasadas.

Tal concepção bem no bojo do triunfo da forma democrática liberal da política em todo o bloco oriental, por volta da segunda metade dos anos 80, e que no Brasil se materializa principalmente nos anos 90; um tempo onde o “consenso” sobre os valores da democracia estariam sendo estabelecidos

Entretanto, a destruição provocada pôr esta democracia liberal autofágica coloca na ordem do dia o restabelecimento do pensamento crítico radical. é sobre isto que veremos a seguir.

Desenvolvimento

As décadas de 80/90 e mesmo o limiar deste novo milênio trazem no interior das suas lutas a questão da cidadania e da democracia. A substituição de quase todas as ditaduras tuteladas pelos Estados Unidos na América Latina por regimes representativos, a queda do socialismo real no leste da Europa “indicava” a conciliação dos continentes com a democracia.

O projeto hegemônico, novamente sob o domínio americano, define agora como coisa do passado, como retrocesso, a preocupação com o social e a vida política.

O novo projeto democrático liberal triunfante coloca democracia, cidadania e a sociabilidade políticas dependentes das disposições do mercado sem limites e sem fronteiras sociais: é a ausência da política e dos conflitos. Mercado este que, num futuro, trará a equidade e conseqüente igualdade através do acesso às invenções tecnológicas e de consumo, independente de regulações de quaisquer ordem, sujeitos sociais, culturais e populações.

Daí a ênfase liberal onde o cidadão é o indivíduo isolada-

mente, aquele que tem o poder de compra. Essa democracia promete felicidade e riqueza aqueles que sobreviverem, por adaptação, por sorte, por astúcia...

A implantação e consolidação da democracia liberal tem como pressuposto a fim da política, como alerta o professor A. Comina (Vozes, 1999), nas orelhas do livro ***Os Sentidos da Democracia***: “A nova sociabilidade destes tempos de pax liberal começa exatamente onde termina o reino da política (da democracia antes de tudo): na imposição do consenso, na ausência de alternativas, na anulação da diferença”.

Democracia implica cidadania, direitos universais, política dos iguais governando iguais, nas palavras de Jacques Rancière. Política que repousa sobre um único princípio: o da igualdade. Igualdade esta que é a *besta fera* para o projeto neoliberal.

Francisco de Oliveira, no artigo “**Entre a terra e o céu: mensurando a utopia?**”, (1999, p. 09), afirma que:

no Brasil, a construção da cidadania e da democracia lembram o trabalho de Sísifo, onde os esforços continuados dos dominados para alcançarem patamares mínimos de cidadania e democracia são permanentemente destruídos pelas elites dominantes, que além de se valerem do poder estatal, utilizam-se de estratégias de sociabilidade antidemocráticas e anticidadãs.

Oliveira (1999, p. 10) ainda destaca que a Constituição de 1988 cristalizou novos direitos graças a capacidade dos dominados de criarem a fala, o dissenso, como afirma Jacques Rancière, inventando a política e constituindo-se sujeitos de sua própria cidadania.

Entretanto, a desregulamentação e a destituição destes mesmo direitos, fruto da globalização e seu ideário liberal, representam a destruição da própria cidadania. Para Oliveira (1999, p. 14), as consequências da destruição da ordem jurídico-política para os direitos sociais vem jogando gerações de trabalhadores e cidadãos ao aniquilamento da fala e do dissenso, onde cidadania é palavra morta.

O referido autor afirma que a última década, e principalmente o período FHC,

a violência que campeia a sociedade brasileira e, sobretudo, a violência que é produzida pelos próprios aparelhos de Estado não é senão uma pálida sombra da exclusão da fala e da privatização

do público e, no seu rastro, da anulação da política... o deslocamento das responsabilidades do Estado para uma suposta 'sociedade civil' é a morte da política, pois este deslocamento somente produz indignação, mas não produz política (Oliveira, 1999, p. 81).

Também refletindo sobre o tema, Marilena Chaui (1999, p. 32) diz que a ideologia neoliberal está diretamente ligada a uma forma de vida visceralmente marcada pela insegurança e violência institucionalizada pelo mercado. Para a autora, esta forma de vida pode ser identificada por 04 características principais:

- a *insegurança*, que leva a aplicar recursos no mercado de futuros e seguros;

- a *dispersão*, que leva a procurar uma autoridade política forte, com traço despótico;

- o *medo*, que conduz ao esforço de antigas instituições, principalmente a família e ao retorno das formas místicas e autoritárias ou fundamentalistas de religião;

- o *sentido do efêmero e da destruição da memória objetiva dos espaços*, levando ao reforço de suportes subjetivos da memória.

Para Chaui, a característica da ideologia pós-moderna, ou seja, a paixão pelo efêmero e pelas imagens são resultantes da mudança produzida no setor da circulação das mercadorias e do consumo, onde já não se vendem nem se compram mercadorias, mas sim o simbolismo, isto é, vendem-se e compram-se imagens, que, sendo efêmeras, devem ser rapidamente substituídas.

Para a autora, a "ideologia neoliberal realiza três grandes inversões ideológicas: substitui a lógica da produção pela lógica da circulação; substitui a lógica do trabalho pela lógica da comunicação; e substitui a lógica da luta de classes pela lógica da satisfação-insatisfação dos indivíduos no consumo" (Chauí, 1999, p. 48).

Segue dizendo que o neoliberalismo, ao defender que os imperativos do mercado são racionais, e que por isto podem, por si mesmo, organizar a vida econômica, política e social, coloca na ordem do dia a idéia da competição e competitividade como base intransponível das relações sociais, políticas e individuais, transformando a violência econômica em modelo e ideal da ação dos homens. (Chauí, 1999, p. 48).

Para a autora, idéias de razão, universalidade, consciência, liberdade, sentido de história, luta de classes, justiça, público e privado, ciência e técnica, subjetividade e objetividade perdem a validade... são consideradas idéias ultrapassadas. O que interessa é a competição e a vitória individual a qualquer preço.

Tal onda avassaladora também atinge as ciências sociais gerando uma crise de paradigmas e modelos teóricos que buscam captar os acontecimentos do fim de século e as grandes transformações da vida social.

Carmelita Yazbek, reportando-se a José Paulo Neto afirma:

no mundo do conhecimento começam as interferências, não sem conflitos, do denominado pensamento pós-moderno, notadamente em sua versão neoconservadora, que questiona e nivela os paradigmas marxista e positivista. Estes questionamentos se voltam contra os diferentes modelos explicativos por suas macroabordagens, apontando que nestas macroabordagens são deixados de lado valores e sentimentos fundamentais do homem, seu imaginário, suas crenças, afeições, a beleza, os saberes do cotidiano, os elementos étnicos, culturais, os fragmentos da vida enfim (Yazbek, 2000, p. 31)

Conforme a mesma autora, a crítica pós moderna repousa na razão: considera esta instrumento de repressão e padronização. Para os pós modernos, há uma incompatibilidade entre desejo e razão, onde a razão estaria reduzida à instrumentalidade, destruindo a subjetividade, e, portanto, o sujeito. Para os pós modernos, a razão, categoria fundamental da modernidade, transformou o modo de pensar da sociedade; mas o homem encontra-se cada vez mais longe da felicidade e do amor prometidos pela modernidade.

Assim, a grande polêmica centraria-se não necessariamente no olhar aos temas microsociais, mas, fundamentalmente, “na recusa da razão e na descontextualização, na ausência de referentes teóricos, estruturais, no não reconhecimento de que os sujeitos históricos encarnam processos sociais, expressam visões de mundo e tem suas identidades sociais construídas na tessitura das relações sociais mais amplas” (Yasbek, 2000, p. 31).

Esta tendência de abandono (nem sempre claramente explicitada) do pensamento crítico radical também se faz presente nas análises e interpretações acerca da intervenção profissional sobre a

realidade social na qual se move a profissão e na busca de novos referenciais, principalmente nesta última década de século XX e transição do milênio. Autores como Neto (1996, 1999) e Carmelita Yasbek (2000), dentre outros, vem refletindo esta tendência.

Tal constatação agrava-se, se levamos em conta o fato já amplamente constatado no debate teórico do Serviço Social: que a ruptura com o tradicional conservadorismo da profissão estabelecido principalmente em termos de produção de conhecimento não significou necessariamente a sua superação no interior da categoria profissional, em que pese a vanguarda crítica desta.

O próprio contexto de democracia liberal é “terreno fértil” para o abandono do pensamento crítico radical no Serviço Social, considerando nossa vinculação histórica com o conservadorismo.

Alguns elementos desta realidade poderiam corroborar para isto, uma vez que provocam “estremecimentos” no interior da profissão, afetando-a diretamente.

Yazbek (2000, p. 29/30) aponta alguns destes elementos que vem afetando o Serviço Social, uma vez que redefinem demandas, monopólios e competências, exigência de novos conhecimentos técnico-operativos, aliados ao declínio da ética no trabalho, onde a competitividade e o individualismo estão postos na ordem do dia:

- a opção neoliberal na área social, com forte apelo à filantropia e à solidariedade da sociedade civil, travestida de um tal terceiro setor, agora parceira nestas iniciativas;

- surgimento de alternativas privatistas e refilantropizadas no combate à pobreza e miséria;

- programas seletivos e focalizados por parte do Estado mínimo no combate à pobreza e miséria;

- políticas sociais subordinadas às políticas de estabilização da economia;

- precarização e mudanças no mercado de trabalho, processos de terceirização do trabalho, contratos temporários, redução dos postos de trabalho, etc...

Todos estes fatores, dentre inúmeros outros aqui não pontuados, acrescido à perplexidade que “temporariamente” se estabeleceu

no pensamento crítico, mostram a força e o alcance de destruição provocados por esta democracia liberal autofágica.

Entretanto, também é verdade que esta realidade, mais do que nunca coloca na ordem dia o restabelecimento de um pensamento crítico radical, pois como nos diz Robert Kurz (FSP, 24/09/00):

Quanto mais irreflexivo e acrítico se torna o capitalismo, mais se consolida uma necessidade insatisfeita por teoria, uma necessidade que cedo ou tarde será imperiosa. Não há sociedade que deixe atrofiar impunemente o seu potencial intelectual. Depois que os charlatães da pós-modernidade escreveram alentados livros sobre porque já não é possível escrever alentados livros, o capitalismo expiou as suas últimas idéias. Os conteúdos da chamada 'era da informática e da comunicação' só fazem aborrecer até mesmo pessoas com modestas pretensões intelectuais. Em sua penúria, não resta outra alternativa à 'necessidade teórica', na busca por alimento espiritual, senão se aproximar daqueles campos da crítica radical da sociedade que, hoje em dia, saíram totalmente da moda intelectua.

Entendemos que a complexidade do desmantelamento provocado pelo fenômeno da globalização e seu respectivo ideário democrático liberal implica, para nós do Serviço Social, indagar por onde correm os caminhos dos conflitos, as formas diferenciadas dos dissenso, da nossa capacidade de construir conhecimento crítico sobre esta realidade e suas novas dinâmicas.

O contexto sócio-político-econômico de um país periférico em relação ao capital mundial como o Brasil, não permite dúvidas quanto à necessidade de um pensamento crítico radical, e de seu fortalecimento no seio da profissão, tão marcada por ambigüidades e conflitos na construção da sua identidade.

Considerações finais

Parafraseando José Paulo Neto (1999, p.107/108) a manutenção e o aprofundamento do projeto ético-político do Serviço Social mais que nunca coloca-se na pauta dos profissionais, pela proposição de combate ao neoliberalismo, pela defesa incondicional da liberdade

histórica como possibilidade de escolha entre alternativas concretas, pela construção de uma nova ordem social sem dominação e/ou exploração de classes, etnia e gênero.

Enfim, democracia enquanto socialização da participação política e socialização da riqueza coletivamente produzida.

ABSTRACT

The central preoccupation of this analysis is based on the reflection of the neglect tendency, not always clearly explicated, from the radical critic thought in the analysis and interpretations near the professional intervections about the social reality were the profession goes, and the urgent necessity of the affirmation of this thought and the ampliation in the interior of the profession, face the reality social-economic-politic of the periferic country in relation of the word capital like Brazil.

KEY WORDS

social transformations, radical critic thought, Social work

REFERÊNCIAS

BECK, Ulrich. **O que é globalização?** Equívocos do globalismo: respostas à globalização. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAUÍ, Marilena. Ideologia neoliberal e universidade. In: OLIVEIRA, Francisco de & PAOLI, Maria Célia (org). **Os sentidos da democracia**. 2.ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 1999.

HOBBSBAW, Eric J. **O novo século**: entrevista a Antonio Polilo. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

KURZ, Robert. Marx depois do marxismo. In: **Cadernos MAIS**. FSP, 24.09.2000. pp. 16-18.

NETO, José Paulo. A construção do projeto ético-político do Serviço Social frente a crise contemporânea. In: Crise contemporânea, questão social e Serviço Social. **Capacitação em Serviço Social e Política Social**. Módulo 1, Brasília, CEAD, 1999. pp. 92 – 110.

_____. Transformações societárias e serviço social – notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. In: **SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE** n.50. São Paulo: Cortez, Abril, 1996.

OLIVEIRA, Francisco de & PAOLI, Maria Célia (org.). **Os sentidos da democracia**. 2.ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 1999.

OLIVEIRA, Francisco de Entre a terra e o céu: mensurando a utopia? In: **DEMOCRACIA VIVA**. n.6. Rio de Janeiro: IBASE, 1999.

TOURAINE, Alain. **Crítica da modernidade**. 6.ed. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

YAZBEK, Carmelita. Os fundamentos do Serviço Social. In: **Capacitação em Serviço Social e Política Social**. Módulo 4, Brasília, CEAD, 2000. pp. 20-34.